



HOMENS TAMBÉM CUIDAM !

Diálogos sobre direitos, saúde sexual e reprodutiva, paternidade e relações de cuidado.

INSTITUIÇÕES ORGANIZADORAS

UNFPA

www.unfpa.org.br

O UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas é uma agência de cooperação internacional para o desenvolvimento que promove o direito de cada mulher, homem, jovem e criança a viver uma vida saudável, com igualdade de oportunidades para todos. Apóia os países na utilização de dados sociodemográficos para a formulação de políticas e programas de redução da pobreza. Contribui para assegurar que todas as gestações sejam desejadas, todos os partos sejam seguros, todos os jovens fiquem livres do HIV e da aids e todas as meninas e mulheres sejam tratadas com dignidade e respeito.



Fundo de População
das Nações Unidas

Instituto PAPAI

www.papai.org.br

Fundado em 1997, o Instituto PAPAI é uma organização não-governamental, sediada em Recife, Nordeste do Brasil, que desenvolve ações educativas, informativas e políticas junto a homens e jovens em situação de pobreza, bem como estudos e pesquisas sobre masculinidades, a partir da perspectiva feminista e de gênero. Sua equipe é composta por homens e mulheres que têm como missão promover cidadania com justiça social, contribuindo para a garantia dos direitos humanos, especialmente direitos sexuais e reprodutivos. Atua em prol da eliminação de todas as formas de violência, particularmente as baseadas em gênero, idade, raça/etnia e/ou orientação sexual.



Instituto **PAPAI**

Autores

Jorge Lyra e Benedito Medrado (Instituto PAPAI) e Fernanda Lopes (UNFPA)

Organizadores

Benedito Medrado (Instituto PAPAI), Elizeu Chaves e Etienne França (UNFPA)

Revisão

Ana Roberta Oliveira (Instituto PAPAI)

Agradecimentos especiais

Às equipes de ambas as instituições pelo apoio em todo o processo editorial.

Este material é produto da parceria entre UNFPA e Instituto PAPAI e visa estimular e apoiar o engajamento dos homens em temas relacionados aos direitos e à saúde sexual e reprodutiva. Baseado no conceito desenvolvido pela Sede do UNFPA para a comemoração do Dia Mundial de População 2007, este livreto traz breves mensagens dirigidas a homens em idade reprodutiva de todas as regiões brasileiras.

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

Endereço: EQSW 103/104, Bloco C, Lote 1, 2º andar - Setor Sudoeste, Brasília, DF

CEP: 70670-350 - Fone: # 61 3038 9252 - Fax: # 61 3038 9269

E-mail: unfpa@unfpa.org.br

Website: www.unfpa.org.br

Instituto PAPAI

Rua Mardônio de Albuquerque Nascimento, 119 – Várzea – Recife/PE

CEP 50.741-380 - Fone/fax: # 81. 3271 4804

E-mail: papai@papai.org.br

Website: www.papai.org.br

HOMENS TAMBÉM CUIDAM!

Diálogos sobre direitos, saúde sexual e reprodutiva, paternidade e relações de cuidado.

Caro amigo,

Este livreto é dedicado a você, que acredita que nem todo homem pensa do mesmo jeito e que é possível um mundo diferente, no qual os homens e as mulheres possam dividir também responsabilidades e prazeres durante a relação sexual, a gestação, no momento do parto e/ou no cuidado com os filhos e filhas e com as pessoas em geral.

Para isso, é preciso mudar práticas, instituições e valores que foram construídos há muito tempo e que têm sido revistos, desde a década de 1960, graças ao surgimento e expansão dos movimentos sociais, especialmente o movimento feminista e o de mulheres.

A lei brasileira hoje reconhece que uma família não é apenas aquela formada por um homem, uma mulher e seus filhos e filhas. Hoje, a família é um espaço onde as pessoas não estão unidas apenas por laços de sangue, nem por regras que obrigam as mulheres a cuidar sozinhas dos filhos e filhas, enquanto os homens seriam os guardiões da honra e da ordem no lar. Isso mudou! Hoje, a família é considerada um grupo de pessoas unidas por laços de afeto e de cuidado mútuo.

Neste sentido, este livreto é um convite a uma reflexão crítica sobre os lugares destinados aos homens e às mulheres na vida em sociedade, especialmente no que se refere ao que chamamos de "cuidado com a vida", que inclui não apenas o cuidado com os filhos e as filhas, mas também o cuidado com as pessoas idosas, com deficiência ou algum problema de saúde, uma tarefa que, infelizmente, ainda tem sido desenvolvida principalmente pelas mulheres.

Nossa intenção é, assim, convidá-lo a refletir sobre como é possível envolver-se mais diretamente no cuidado dos outros, especialmente no processo de gestação e cuidado das crianças, ainda que você não seja necessariamente o pai. Avô, tio ou mesmo um amigo da mãe também podem exercer um papel importante neste processo. Precisamos construir uma sociedade mais justa no que se refere à sexualidade, à saúde reprodutiva, paternidade e às relações de cuidado e, para isso, é fundamental a participação dos homens.

DIREITO À SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

O direito à saúde sexual e reprodutiva é parte do direito humano à saúde. Sua promoção e efetivação pressupõem o respeito aos demais direitos, incluindo:

Direito à liberdade e autonomia, para homens e mulheres, sobre seus corpos, como dimensão fundamental da saúde, em todas as fases da vida;

Direito de homens e mulheres a expressar e desfrutar da sua sexualidade sem risco de IST (infecções sexualmente transmissíveis), gestações não planejadas, coerção, violência e discriminação;

Direito ao respeito mútuo nas relações afetivas e sexuais;

Direito de acesso à informação correta e adequada às diferentes realidades e necessidades;

Direito de acesso aos meios para o exercício prazeroso, saudável e seguro da reprodução, livre de discriminação, coerção ou violência;

Direito de homens e mulheres a decidir, em conjunto, de forma livre e responsável sobre o número, o espaçamento e o momento de ter filhos.

Prevenir é melhor que remediar!

O direito à saúde sexual e reprodutiva inclui também as estratégias que homens e mulheres podem usar para prevenir infecções sexualmente transmissíveis (IST) e a aids. O envolvimento dos homens nesse processo é também muito importante, especialmente considerando que o uso correto e consistente do preservativo (camisinha) é ainda a forma mais segura para prevenir IST/HIV/Aids.

ARGUMENTOS



Homem e mulher não são "sexos opostos"



As mulheres são educadas para cuidar mais dos outros e menos de si



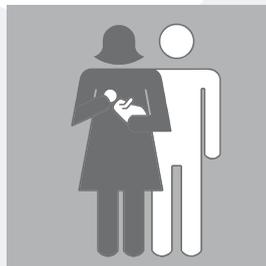
É preciso rever a educação e socialização dos meninos



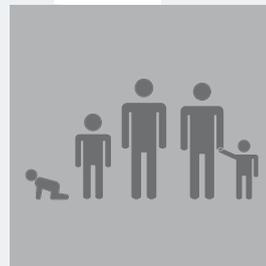
Cuidar também faz bem à saúde de quem cuida



Gravidez é assunto de homem também



Pai não é visita



Outros pontos de vista sobre o "cuidar"

HOMENS E MULHERES NÃO SÃO “SEXOS OPOSTOS”



Os homens e as mulheres são diferentes. Mas as mulheres também são diferentes umas das outras e os homens não são todos iguais. Assim, essa idéia de que homem e mulher são “sexos opostos” não pode ser tomada ao pé da letra.

Infelizmente, em sociedades conservadoras, homens (e mulheres) são educados, desde muito cedo, para responder a modelos predeterminados (e mutuamente excludentes) do que é ser homem e do que é ser mulher. Embora os modelos variem ao longo do tempo e de cultura para cultura, os processos de socialização tendem a orientar-se pelo olhar da diferença - “ser homem é diferente de ser mulher” - e pela perspectiva da desigualdade - “ser homem é melhor que ser mulher”.

Para construirmos uma sociedade mais justa, é preciso romper com padrões culturais machistas e preconceituosos que estão fortemente presentes na linguagem comum e nas práticas cotidianas e que influenciam as relações pessoais, o funcionamento e a organização das instituições (família, escola, serviços de saúde, meios de comunicação etc.).

AS MULHERES SÃO EDUCADAS PARA CUIDAR MAIS DOS OUTROS E MENOS DE SI

Em nossa sociedade, o ato de cuidar de crianças, pessoas idosas, com deficiência ou algum problema de saúde é visto como “coisa de mulher”. Essas regras sociais têm gerado muitos obstáculos para a vida das mulheres, principalmente aquelas que buscam espaço no mercado de trabalho e que, por vezes, não podem assumir um determinado emprego porque precisam tomar conta dos(as) filhos(as), de outros familiares ou amigos.

A maneira como os homens se comportam tem uma relação direta com sua formação e isto é parte de uma construção social. É importante saber que os homens não são naturalmente “incompetentes para cuidar”. Para mudar esse cenário, é preciso reconhecer que podemos construir outras histórias, expondo os garotos desde bem cedo, ainda na infância, a outros valores e modelos de masculinidade.

Há várias mudanças em curso. Seja entre os amigos, dentro de casa, com sua família biológica ou afetiva, ou em instituições como berçários, creches, escolas de educação infantil e ensino fundamental, já é possível encontrar homens compartilhando responsabilidades pelo cuidado. Também vemos mulheres envolvidas, cada vez mais, em trabalhos que antes eram considerados exclusivamente masculinos. Isto é um sinal de transformação social.

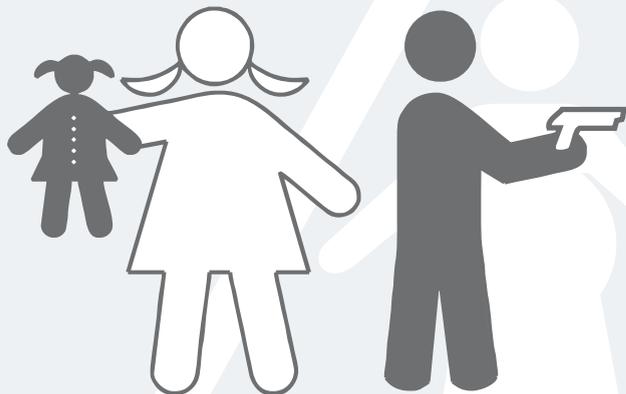


É PRECISO REVER A EDUCAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DOS MENINOS

Muitas vezes, não percebemos que o cuidado é, também, uma habilidade que se aprende ao longo da vida. Quando um menino resolve incluir, entre suas brincadeiras, peças ou jogos relacionados com o lar, geralmente passa a ser tratado pelos pais (pai e mãe) de modo mais agressivo ou ganha de presente armas ou jogos de guerra, sob o argumento de que "isso é para ele aprender a ser homem". É preciso reverter esse quadro.

Esse processo de socialização do homem pode promover estilos de vida violentos e autodestrutivos. Os homens têm ocupado, ao longo dos anos, o primeiro lugar em várias estatísticas indesejadas: são maioria entre as vítimas de homicídio, mortes por acidentes de trânsito, uso indevido de drogas, sejam elas as bebidas alcoólicas ou outras, e os que mais tentam o suicídio. Além disso, são os grandes protagonistas de atos violentos contra mulheres e/ou crianças, em âmbito público ou doméstico.

É fundamental que os meninos tenham a oportunidade de viver outras experiências, especialmente as que envolvam formas de cuidado, de si e dos outros. O prazer e as responsabilidades por educar meninos e meninas para a igualdade devem ser compartilhados entre mulheres e homens, jovens, adolescentes e adultos, de todas as classes sociais, residentes na zona urbana ou rural. Essa ação em parceria pode fazer toda a diferença.



CUIDAR TAMBÉM FAZ BEM À SAÚDE DE QUEM CUIDA

No cuidado dos filhos e filhas, a exigência da cultura machista se processa em duas direções: exige-se da mulher um ótimo desempenho no plano afetivo - "amor de mãe" ou "instinto maternal" - e, do homem, cobra-se principalmente a responsabilidade financeira - "não deve deixar faltar nada em casa". Aos homens não cabe apenas a garantia de sustento da família. Homens também cuidam!

Ainda que o casal esteja separado, pai e mãe podem negociar a divisão de atribuições e responsabilidades. Homens que desempenham tarefas de cuidado para com as crianças relatam uma grande satisfação em seu cotidiano, seja na relação conjugal, familiar ou de amizade.

É muito importante, nesse sentido, considerar que meninos interagindo com homens jovens e adultos em situação de cuidado (pais, irmãos, primos, tios, avós e amigos da família), provavelmente perceberão com maior naturalidade a possibilidade de desempenhar essa tarefa no futuro. Em outras palavras, a maior participação dos homens no cuidado das crianças pode fazer toda diferença no processo de educação de filhos e filhas. Além disso, cuidar também faz bem à saúde de quem cuida.



GRAVIDEZ É ASSUNTO DE HOMEM TAMBÉM



A maternidade usualmente se define pelas marcas e mudanças no corpo feminino pouco tempo depois da concepção e se estende à criação e educação de filhos e filhas, enquanto a paternidade parece só existir no momento em que o bebê nasce ou, mais tarde, quando já está crescido. Mas é preciso repensar este conceito: nem sempre isso é verdade.

A espera de um filho ou filha é um acontecimento único, vivido intensamente tanto pelo homem (pai) quanto pela mulher (mãe). Muitos pais, na idade adulta, na adolescência ou na juventude, desejam participar ou participam ativamente em todos os momentos da gravidez, desde o projeto de concepção, até a progressão da gestação e o desenvolvimento do bebê. Afinal, trata-se de um compromisso a longo prazo.

Vivenciar a gravidez em parceria, compartilhar as dúvidas, enfrentar os medos, as angústias e as inquietações, com tranquilidade e esperança, são cuidados que o pai pode prestar a si e a sua companheira. Esta experiência pode ser mais prazerosa quando o casal planeja, em comum acordo, o momento de ter filhos e o espaçamento entre uma gestação e outra.

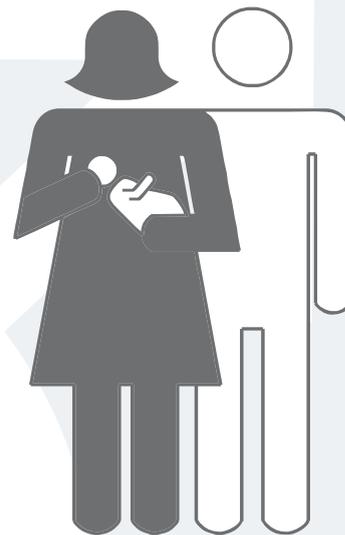
PAI NÃO É VISITA

No Brasil, há uma Lei (11.108/2005) que dá à mulher o direito de ter um acompanhante durante o pré-parto, parto e pós-parto. Esta lei se aplica à rede pública de saúde e aos hospitais conveniados ao Sistema Único de Saúde (SUS).

É importante que, em a mulher escolhendo um homem como seu acompanhante (seja ele o pai biológico da criança, o tio, amigo, namorado ou avô), que seja respeitado o direito dele estar com ela em todas as etapas incluindo a consulta pós-parto. É importante que também esteja presente para receber orientações sobre como cuidar do recém-nascido e promover a saúde sexual e reprodutiva de ambos.

Embora a lei 11.108/2005 confira este direito à mulher, as maternidades têm resistência em admitir que esse acompanhante seja um homem, ainda que se trate do pai da criança. É indispensável que sejam promovidas mudanças de atitudes e práticas (pessoais e institucionais) e que, no campo das políticas públicas, sejam construídas melhores oportunidades para o envolvimento dos pais, sejam eles homens adolescentes, jovens ou adultos.

Desde que seja uma escolha da mãe, a participação do pai no parto é uma questão de direito. Mesmo que estejam separados, os pais podem conversar sobre o desejo e sobre as possibilidades de compartilhar esse momento. A decisão do casal deve ser respeitada pelos serviços e profissionais de saúde. Pai não é visita!



OUTROS PONTOS DE VISTA SOBRE O “CUIDAR”

Precisamos estar continuamente atentos e atentas para não reforçar preconceitos e estereótipos por meio dos nossos atos e palavras. Ao definirmos “cuidado” com base no referencial feminino, muitas vezes dizemos que os homens não cuidam ou não sabem cuidar.

Práticas cotidianas como levar as crianças à escola, acompanhá-las durante as refeições ou mesmo contar uma estória antes delas dormirem, se desempenhadas por uma mulher, no senso comum podem ser entendidas como cuidado (ou devoção) ao contrário, se desempenhadas por um homem, podem ser vistas como dever, obrigação.

Assim, é importante que o(a) educador(a), o(a) profissional de saúde e a sociedade em geral, estejam, antes de tudo, preparados para ouvir e entender como os homens percebem o cuidado e qual o lugar dessa dimensão em suas vidas.



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA, Miguel Vale de (1995) - *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século. 264p.
- ARILHA, Margareth (1999) - *Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC/SP, 117p.
- BADINTER, Elizabeth (1985) - *Um amor conquistado - o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BARKER, Gary (2000) - *Working with adolescent boys: a review of international literature and a survey of programs working with adolescent boys in health and health promotion*. Geneva: WHO.
- CONNELL, R.W. (1995) - *Masculinities*. Berkeley: University of California Press.
- INSTITUTO PAPAÍ (2002) – *Relações compartilhadas*. Cartilha. Apoio: CNB-CUT.
- LAMB, Michael E. (ed.) *The father's role: applied perspectives*. New York: John Wiley, 1986.
- LYRA, Jorge. *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica PUC/SP, 1997, 182p.
- MEDRADO, Benedito (1997) - *O masculino na mídia. Repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC/SP.
- MUNDIGO, Axel I (1995) - *Papéis masculinos, saúde reprodutiva e sexualidade*. Conferências Internacionais sobre População. Fundação MacArthur. São Paulo, 31 de julho de 1995.
- PARCEVAL, Geneviève (1986) - *A Parte do pai*. Porto Alegre: L&PM.
- REDE NACIONAL FEMINISTA DE SAÚDE E DIREITOS REPRODUTIVOS – Cartilha: *Gravidez saudável e parto seguro são direitos da mulher*.
- TRINDADE, Zeide A. (1991) - *As representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de aconselhamento genético*. Tese de doutorado em Psicologia. São Paulo: USP.
- UNFPA (2007) - *Homens como parceiros na saúde materna*. Folheto produzido para o Dia Mundial de População.



Fundo de População
das Nações Unidas



Instituto **PAPAI**